

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COM PESSOAS IDOSAS

Rosângela Silva Oliveira <sup>1</sup>

### RESUMO

Alfabetização e Letramento para pessoas idosas exigem orientações didáticas aplicadas em interação com as vivências culturais dos sujeitos envolvidos e com práticas avaliativas que promovam reflexões sobre situações vividas. Urge reflexões sobre imagens, letras, palavras e seus significados culturais, o que pressupõe diálogos sobre experiências vividas e aquisição de novos conhecimentos resultantes desta ação dialógica. Na perspectiva de identificar e socializar o potencial didático de práticas alfabetizadoras em vivências culturais e suas respectivas práticas de avaliação este artigo apresenta uma investigação científica tendo como público-alvo idosos matriculados no Programa Universidade Aberta Intergeracional, Campus Bacabal, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade Estadual do Maranhão. A metodologia aplicada fundamentou-se no Método Dialético e seus pressupostos para interpretar e explicar a relação pedagógica alfabetizadora como resultante de significados construídos em práxis humana. As técnicas de pesquisa utilizadas foram observação sistemática em sala de aula e entrevista semiestruturada com o professor alfabetizador dos idosos entre os meses de abril a junho de 2018. Verificou-se que o eixo estrutural da ação docente alfabetizadora explorou metodologicamente as práticas sociais dos idosos, sua presença nas manifestações culturais locais e em situações de exercício da cidadania. E as práticas avaliativas acolheram distintos níveis de alfabetização dos idosos, valorizando seus ritmos, formas de olhar e sentir as letras, os sons, as palavras e significados. Infere-se que as ações educativas e respectiva avaliação da aprendizagem possibilitaram ao idoso construir novos conhecimentos e estimularam a aplicá-los em suas vivências culturais.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Avaliação da Aprendizagem, Idosos.

### INTRODUÇÃO

A alfabetização de jovens e adultos no Brasil tem alcançado êxito com a operacionalização das últimas políticas públicas com foco na educação como direito humano incluído necessária ao exercício da cidadania ao longo de toda a vida, visão educativa preconizada nas Conferências Internacionais de Educação de Jovens e Adultos – CONFINTEA, estimulando aprendizagens alfabetizadoras que podem ser desenvolvidas em contextos formais, não formais e/ou informais.

O enfrentamento ao analfabetismo brasileiro, especificamente o que está presente nas terras áridas do Nordeste, incluiu também um segmento social normalmente preterido nos planos educacionais do Ministério de Educação e Cultura – as pessoas idosas. Em 2004, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística identificou uma taxa de analfabetismo com índice de 11,5% e oito anos depois através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, [rosangela.uema@gmail.com](mailto:rosangela.uema@gmail.com); (83) 3322.3222

detectou uma queda de 2,8%. Essa redução foi mais intensa nas regiões Norte e Nordeste onde foram encontrados os maiores índices de analfabetismo do país (BRASIL, 2016).

Ressalta-se neste contexto que algumas Instituições de Ensino Superior do Norte e Nordeste com seus respectivos Departamentos de Educação mobilizaram-se com ações extensionistas para oferecer atendimento pedagógico a pessoas idosas. Entre estas instituições públicas está a Universidade Estadual do Maranhão que através de sua Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis criou o Programa Universidade Aberta Intergeracional em 2009 oferecendo aulas de alfabetização e letramento para pessoas idosas, numa perspectiva metodológica incluyente, dialogal, significativa, útil e intergeracional.

Neste propósito a Universidade Estadual do Maranhão através do Departamento de Educação no Campus Bacabal propôs ações extensionistas para alfabetizar idosos, cujo processo foi o objeto da pesquisa deste artigo, com o objetivo inicial de promover um encontro ou reencontro desse segmento populacional com a língua escrita e suas multiformes expressões culturais mediado por diálogos sobre suas vivências culturais.

Foi possível identificar nesta experiência educativa e alfabetizadora que ainda é muito forte e cruel os preconceitos contra a pessoa idosa que aceita ser preterido com dores emocionais e olhares silenciados. Este idoso passivo, temendo olhar em sua volta, foi acolhido e valorizado durante as aulas de alfabetização e letramento como sujeito social relevante à memória cultural como um ser humano reflexivo, sensível, útil, capaz de emocionar-se com a leitura de sua vida e do ambiente em vive.

O êxito do processo ensino-aprendizagem foi possível porque na mediação pedagógica as práticas avaliativas respeitaram a pessoa idosa em seu ritmo e níveis de aprendizagem, provocando-a a interagir reflexivamente com suas experiências de vida.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada em um ambiente alfabetizador para pessoas idosas matriculadas no programa de extensão Universidade Aberta Intergeracional (UNABI) vinculada à Coordenação de Extensão da Universidade Estadual do Maranhão no Campus Bacabal. O público-alvo consistiu em um professor alfabetizador e vinte e dois idosos analfabetos com faixa etária entre 61 a 69 anos de idade e que receberam atendimento pedagógico três vezes por semana no turno matutino.

Considerando os pressupostos do Método Dialético na coleta de dados, os sujeitos envolvidos foram compreendidos como seres históricos que possuem capacidades cognitivas

para manter ou modificar a ordem de sua realidade social e neste movimento conservar ou transformar a si mesmo e seu contexto pela mudança de suas percepções com a alfabetização e letramento adquiridas. Considerou-se, também, que em qualquer fase da vida humana a linguagem aproxima as pessoas, humanizando-as (FREIRE, 1999; BRASIL, 2016).

Os objetivos desta pesquisa exploratória e de cunho qualitativo convergiram para analisar o potencial didático das ações educativas de alfabetização e letramento para pessoas idosas e suas respectivas práticas avaliativas.

Especificamente optou-se por identificar os métodos e técnicas aplicadas em sala de aula, os cuidados didáticos da mediação pedagógica no processo alfabetizador e a eficácia das técnicas e instrumentos de avaliação aplicadas para detectar os níveis de aprendizagens alcançadas.

As técnicas aplicadas foram a observação sistemática em sala de aula, análise de conteúdo e aplicação de entrevista semiestruturada com o professor alfabetizador dos idosos entre os meses de abril a junho de 2018. O público-alvo concordou em participar desta pesquisa e com a exposição do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de linguagem acessível à compreensão dos participantes da pesquisa. Pelo fato de alguns não conseguirem escrever seu nome completo foi livre a opção de escrever apenas o primeiro nome ou as letras que conseguissem elaborar. A análise dos dados coletados procurou identificar nas ações educativas e respectivas práticas avaliativas suas contradições ou contribuições para efetivar aprendizagens significativas entre os sujeitos envolvidos. (MINAYO, 2001).

## **DESENVOLVIMENTO**

A educação brasileira como direito de todos e dever do Estado é assegurada pela Constituição Federal de 1988, mas sua efetivação ainda não é uma realidade no dia-a-dia de minorias analfabetas, especialmente entre pessoas idosas, cujo crescimento demográfico demanda políticas públicas educacionais inclusivas orientadas ao novo cenário social brasileiro que registra crescentes índices de habitantes idosos em todas as regiões do Brasil.

A chegada da terceira idade traz as naturais limitações sobre o corpo, mas não deve ser encarada como aposentadoria da vida. Seus direitos sociais como o acesso à educação em qualquer modalidade do ensino escolar que não podem ser negados. Ao contrário, deve ser criada uma rede de intensões educativas para trazer de volta aos bancos escolares aqueles brasileiros e brasileiras que não estudaram o suficiente ou que não puderam aprender ler e escrever.

Os mitos e preconceitos sobre o envelhecimento precisam ser superados, pois existe muita vida inteligente na terceira idade (NERY, 1993). Predomina, porém, a ideia da velhice como expressão de passividade, perdas e dependência. Em quase todos grupos sociais os idosos não são vistos, ouvidos, tocados, mas preteridos pelas marcas que o tempo cronológico deixou e que se evidenciam em seu corpo, em sua motricidade. Suas dificuldades são consideradas insuperáveis ou se constituem obstáculos em relação a valores como produtividade, rapidez e destreza. Ao considerarem a jovialidade e a força física como sinal da vida ativa e inteligente, seu contraste, o ser feio, fraco e lento, designa a pessoa idosa como incapaz, vazia e descartável - ideia preconceituosa que circula de geração a geração.

Ações educativas em Alfabetização e Letramento podem ser locus de (re)integralização de pessoas idosas nos espaços socioculturais locais/regionais. O ambiente alfabetizador pode promover diálogos que resgatem alegria de viver, desejo de ler o mundo e reescrever a vida com a linguagem que eles puderem elaborar, enfim sobre as possibilidades de vida inteligente e ativa na terceira idade.

Alfabetizar, nesta perspectiva, se constitui uma mediação pedagógica em que se a pessoa idosa é provocada em suas habilidades cognitivas para ler e escrever até alcançar o letramento, etapa em que o idoso é capaz de aplicar o que aprendeu em suas vivências culturais. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever. Letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. O letramento é a capacidade de comunicar as vivências culturais de si, dos outros, do ambiente em que vive (SOARES, 2008).

Infere-se que a alfabetização é um processo, e não se limita apenas a ler e escrever os signos do alfabeto, mas, sim, compreender como funciona a estrutura da língua e a forma como é utilizada. Dessa forma, entende-se que a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo dinâmico se faz por duas vias de acesso, uma técnica (alfabetização) e outra que diz respeito ao uso social (letramento). Estes processos, apesar de distintos e interdependentes, devem ser vivenciados simultaneamente, pois as aprendizagens não são pré-requisito uma da outra. E as práticas avaliativas sobre as ações pedagógicas vivenciadas serão determinantes para aquilatar o real valor da aprendizagem da leitura e da escrita.

Urge entender a avaliação como momento de interpretar e compreender os níveis de aprendizagens construídas. Ou seja, aplicar ao processo alfabetizador a concepção de que avaliar não é simplesmente corrigir, mas detectar e interpretar o que o aluno aprendeu como resultado da mediação pedagógica (HOFFMANN, 2000). Esta concepção de avaliação

pressupõe ações alfabetizadoras que valorizam o diálogo e o respeito às formas de construção de conhecimento dos alunos, suas experiências de vida e realidade sociocultural.

A alfabetização e letramento propostos pelo programa de extensão Universidade Aberta Intergeracional da Universidade Estadual do Maranhão, objeto deste estudo, propõe um processo de construção da leitura e da escrita cuja ação didática, obrigatoriamente, respeita aos níveis de conhecimento da pessoa idosa e busca interpretar o processo que cada um deles percorre para conquistar as habilidades necessária para ler e escrever fundamentado nas orientações alfabetizantes de Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1985), na ação dialógica entre os sujeitos envolvidos conforme o pensamento paulofreireano (FREIRE, 1999) através de uma mediação pedagógica comprometida em interpretar e compreender o real interesse, necessidades do aluno e suas formas de aprender melhor (VASCONCELOS, 1998; HOFFMANN, 2000).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O ambiente alfabetizador organizado para os idosos estava localizado em uma sala de aula do Campus da Universidade Estadual do Maranhão, turno matutino. Esta estratégia era importante ao processo educativo pois sinalizava aos sujeitos envolvidos que as barreiras culturais poderiam ser superadas e que, mesmo no meio acadêmico os idosos podem integrar-se e contribuir positivamente com sua experiência de vida.

As observações iniciais apontaram a alegria e brilho no olhar dos idosos ao interagir com acadêmicos calouros do Curso de Engenharia Civil na aula inaugural, participando com instrumentos da Banda de Percussão criada por eles mesmos. Ao se aproximar de um acadêmico certo idoso orgulhosamente falou que tinha exercido o ‘ofício’ de pedreiro, que sabia ‘fazer casas’ e que poderia dizer como preparava seu material de trabalho. Estes diálogos, entre outros, foram importantes para aumentar a autoconfiança e autoestima dos idosos que orgulhosamente vestiam uma camisa com o emblema da Instituição Superior de Ensino. Então eles iniciaram as aulas, sentindo-se parte do contexto em que viveriam experiências educativas bem significativas.

Considerou-se importante observar a rotina de estudo e planejamento do professor alfabetizador para realizar comunicar didaticamente os conteúdos, sua abrangência, metodologia e técnicas de avaliação diagnóstica. Em seguida a observação estendeu-se para participação na elaboração do material didático necessário para a organização das aulas práticas para a alfabetização com adultos idosos.

Os procedimentos metodológicos foram organizados em cinco eixos:

- *Compreensão e valorização da cultura escrita:* onde o professor alfabetizador, pela ação dialógica, provocava reflexões sistemáticas ou problematizações de situações do cotidiano deles em que a necessidade da língua escrita fosse relevante.
- *Apropriação do sistema de escrita:* onde o professor alfabetizador realçava a distinção entre sons e letras para o idoso entender que o princípio que regula a escrita é a correspondência grafema-fonema e seu significado social. Havia o diagnóstico para verificar os níveis de alfabetização existentes: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabéticos. E agrupamento dos idosos e respectivas atividades, conforme a necessidade identificada.
- *Leitura:* onde o professor educador entende que não é necessário esperar que o idoso já saiba ler e escrever para iniciar o trabalho com a leitura. Para atender a esse eixo explora textos que pertencem à tradição oral. São textos da cultura popular local e regional conhecidos e muitos deles já memorizados pelos idosos no decorrer de sua história de vida pois possibilitam avanços em suas hipóteses a respeito da língua escrita e propiciam problemas para diferentes níveis de conhecimento. Gêneros mais explorados foram parlendas, cantigas, músicas, poemas e literatura de cordel.
- *Produção de pequenos textos escritos:* onde o professor alfabetizador provocava o idoso a comunicar uma mensagem breve com os signos linguísticos ensinados, conforme orientação do método paulofreireano.
- *Desenvolvimento da oralidade:* neste eixo o professor alfabetizador promovia autorreflexões a partir de uma fotografia ou notícia de telejornal ou alguma situação que eles apontaram durante o “Hora de Conversar”.

Outros cuidados didáticos complementares foram observados no processo ensino-aprendizagem tais como:

- ✓ *Ambiente alfabetizador com vivências culturais:* o professor alfabetizador fazia da sala de aula um espaço onde ricos estímulos de aprendizagem estavam sempre presentes e em situações de uso real de leitura e de escrita em que os idosos eram provocados para participar. Ele considerava ambiente alfabetizador não aquele em que apenas aparecem diferentes tipos de texto, mas aquele que tem diferentes tipos de texto que são consultados frequentemente, com diferentes funções sociais. Eram sempre substituídos de acordo com sua funcionalidade e necessidade dos alunos.
- ✓ *Atividades significativas:* para favorecer uma alfabetização de qualidade era proposto

atividades de leitura e escrita que faziam representações acerca das vivências culturais do idoso. Era necessário que as atividades de leitura e escrita aconteçam de forma prazerosa, contextualizada, e de acordo com a realidade social dos educandos.

- ✓ *Formas de agrupamento dos idosos:* durante as atividades de leitura e escrita os idosos foram agrupados conforme seu nível de conhecimento: idosos pré-silábicos com idosos silábicos; idosos silábicos com idosos silábico-alfabéticos; e idosos silábico-alfabéticos com alfabéticos.
- ✓ *Valorização da autoconfiança e autoestima:* a atenção à pessoa do idoso, sua história de vida e potencial cognitivo durante as atividades foram importantes suportar as dificuldades de aprendizagem e alcançar o sucesso requerido.
- ✓ *Competência técnica:* o professor alfabetizador sabia como identificar os níveis e ritmos de alfabetização dos idosos e suas capacidades cognitivas.
- ✓ *Comunicação didática com foco nas práticas sociais:* a mediação pedagógica desenvolvida durante as aulas era prioritariamente dialógica, problematizadora e desafiadora, sem, contudo, apresentar desafios que o idoso não tivesse condições de superar.
- ✓ *Diagnóstico avaliativo:* havia um diagnóstico inicial para detectar o que os idosos já sabiam antes de iniciar o processo de alfabetização. Este diagnóstico avaliativo era contínuo e sua síntese entendidas como relevante para a escolha de novos procedimentos metodológicos ou de conteúdos.

A metodologia alfabetizadora aplicada preteriu o uso de cartilhas, repetição de palavras soltas ou de frases sem significação ou utilidade nas práticas sociais dos idosos. Ao contrário, procurou estimular a memória cultural deles, valorizando-os no que conseguiam elaborar. Em síntese, foi ensinada a leitura da palavra, porém provocando a leitura de mundo e a comunicação de suas percepções pessoais sobre o homem, a velhice e seus impactos no seio familiar e social.

As aulas iniciavam com exercícios diagnósticos para identificar os níveis e ritmos de analfabetismo presente. Este diagnóstico foi realizado com atividades que os levaram a reconhecer a importância social da língua escrita na sociedade contemporânea e as respectivas habilidades para ler as informações desta língua no ambiente social, tecnológico e midiático em que estão inseridos. A provocação de reescrever as percepções ou hipóteses ajudaram os idosos a romper a ‘cultura do silêncio’. E isso já se constituiu uma grande conquista pedagógica.

Alfabetização e letramento foram entendidos como momentos dialógicos em que sujeitos experientes ‘reliam’ suas práticas sociais cotidianas. Com ousadia saiam das cavernas

silenciadoras que a sociedade e a norma culta padrão os enclausurou ao longo dos anos. Promoveu um estilo de vida humanizada, reflexiva, dialógica e de empoderamento sobre os rumos de suas histórias e velhice.

No processo de aprendizagem os idosos foram levados a perceber que estavam vivendo um processo de aquisição da leitura e da escrita que privilegiava autorreflexões e diálogos coletivos sobre memórias e experiências de vida, como elemento pedagógico que deflagra novos saberes. O desenvolvimento de novas habilidades comunicativas os auxiliava a agirem socialmente com singulares cosmovisão das culturas e práticas sociais locais em suas variadas linguagens cotidianas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos e experiências educativas sobre a alfabetização e letramento para pessoas idosas ampliaram o debate pedagógico de que a alfabetização, longe de ser a apropriação de um código, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística de uma cultura.

Esta consciência sócio-política adquirida rompeu definitivamente com o pensamento de que o professor que só alfabetiza com o que for capaz de levar para dentro da sala de aula. Os idosos perceberam que tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita é poder interagir em práticas sociais letradas, respondendo aos inevitáveis apelos de uma cultura grafocêntrica. Em todas as idades.

Ações educativas como a que aqui foi comunicada confirmam que a aprendizagem e seus respectivos letramentos devem ser desenvolvidos dentro de uma relação interativa entre o sujeito e a cultura em que vive. Isso quer dizer que, ao lado dos processos cognitivos de elaboração de saberes, absolutamente pessoal (ninguém aprende pelo outro), há de se considerar um contexto cultural que, não só fornece informações específicas ao aprendiz, como também motiva, dá sentido e “concretude” ao aprendido, e ainda condiciona suas possibilidades efetivas de aplicação e uso nas situações vividas.

Tradicionalmente a alfabetização foi entendida como mera sistematização do “B + A = BA”, isto é, como a aquisição de um código fundado na relação entre fonemas e grafemas. Em uma sociedade, como a brasileira, constituída em grande parte por analfabetos e marcada por reduzidas práticas de leitura e escrita, a simples consciência fonológica que permitia aos sujeitos associar sons e letras para produzir/interpretar palavras (ou frases curtas) parecia ser suficiente para diferenciar o alfabetizado do analfabeto.

Um dos resultados relevantes desta investigação científica foi detectar que a superação do analfabetismo em todas as faixas etárias, em meio à crescente complexidade das formações sociais do presente século, exige, cada vez, maior comprometimento pedagógico no trabalho docente e vinculação deste ensino com as vivências culturais dos sujeitos envolvidos.

A metodologia alfabetizadora aplicada permitiu que os idosos interpretassem, confrontassem, imaginassem e registrassem suas percepções. Eles alcançaram uma condição de letramento diferenciada em sua relação com o seu meio ambiente, uma posição intelectual não necessariamente conquistada por aquele que apenas domina o código linguístico.

Aprender a ler e a escrever na terceira idade implicou não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las (ou de associá-las), mas a possibilidade de usar esse conhecimento ou unidade de sentido em benefício legítimo de suas formas de expressão e linguagens.

O ato de aprender a ler e escrever vivenciados confirmou a hipótese de que a pluralidade de práticas letradas valorizando o contexto sociocultural e elaboração própria dos sujeitos idosos reduziram os índices de não-aprendizagem da língua culta padrão e maximizaram as situações de uso da linguagem oral e escrita com atitudes de autonomia e independência.

Na prática, verificou-se que a simples codificação e decodificação de signos linguísticos no processo de alfabetização, tornam longo e difícil o caminho que o sujeito idoso pouco letrado tem que percorrer na atual sociedade capitalista que privilegia a linguagem escrita em todas as suas modalidades. As artificialidades das práticas pedagógicas e atitudes preconceituosas diante do envelhecimento mostraram a necessidade de mudança na comunicação didática do professor alfabetizador.

A experiência de alfabetização para idosos ora exposta, reanimou o interesse para diálogos pedagógicos que exponham o processo alfabetizador como uma situação pedagógica que requer muito mais do que o acúmulo de signos linguísticos. E que espera o desenvolvimento de competências linguísticas para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos escritos das culturas digitais, aplicar conhecimentos pessoais para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões e comunicá-las de forma oral e/ou escrita, ser proativo para identificar intencionalidades na linguagem, viver socialmente com tolerância, aprendendo sempre com as diversidades.

A avaliação aplicada neste processo alfabetizador refletiu e interpretou o processo educativo como uma ação essencialmente humana e humanizadora associada às práticas sociais dos sujeitos envolvidos. As técnicas de avaliação aplicadas em sala de aula foram: observação

sistemática do interesse e desempenho dos idosos durante as atividades propostas, exercícios escritos e orais com autoavaliação e acompanhamento dos avanços e dificuldades através do registro em fichas organizadas em portfólio.

Neste processo interpretativo diferenciou-se *avaliação de nota*. Esta aplicada para nomear numa escala de 0 a 10 os resultados obtidos e aquela entendida como um processo educativo, reflexivo e crítico sobre a prática, podendo desta forma verificar os avanços, limitações, retrocessos de professores e alunos. Nesta perspectiva seus resultados auxiliam todos no sentido da construção de novos conhecimentos, conscientização dos limites e possibilidades pessoais, além de aperfeiçoamento de autocrítica e auto-conhecimento.

Para concretizar essa prática avaliativa foi exigido um rigor metodológico muito maior do que simplesmente dar notas, conceitos em uma visão de aprendizagem de resultados, sentenciosa e classificatória, promovendo a exclusão dos alunos.

Cada pessoa idosa foi aceita como um ser único e original, com experiências, histórias, conhecimentos, potencialidades e fraquezas diferentes, mas que a constituíam como sujeito social. Suas diferenças e heterogeneidades foram identificadas não como algo negativo, mas eticamente complementares para um agir pedagógico mais efetivo num processo permanente de avaliação.

O valor didático da prática avaliativa estava também em superar a busca da homogeneidade das aprendizagens entre os idosos ou da aquisição de uma alfabetização plena. Entendiam que o desenvolvimento cognitivo necessário ocorria em estágios e estes precisavam ser plenamente vividos para serem potencialmente aplicados e não são cronologicamente pré-estabelecidas como iguais para todos. Esta prática avaliativa mediadora leva o professor a prestar mais atenção nas respostas às suas provocações didáticas e a entender melhor o interesse e limitações da pessoa idosa no processo de alfabetização. Além disso facilita a aplicação de uma comunicação didática desafiadora, capaz de promover diálogos interculturais relevantes ao exercício da cidadania nas práticas sociais.

Estas práticas avaliativas crítico-reflexivas foram consideradas úteis e tecnicamente adequadas tanto ao processo de ensino como de aprendizagem. Constituiu-se como eficiente porque foi útil e oportuna, sendo realizada em tempo hábil; ética porque foi realizada com critérios justos e apropriados e foi precisa, quando se emprega método adequado.

A alfabetização de adultos e idosos na sociedade brasileira impõe a necessidade de atividades pedagógicas incluídas, inovadoras e colaborativas a fim de que o brasileiro se perceba como um ser social criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, resiliente, comunicativo, produtivo e corresponsável pelo bem-estar social através de suas vivências culturais.

Infere-se que práticas avaliativas classificatórias buscam efetivar concepções educativas que esperam impor ideias e comunicar o conteúdo escolar para uma classe de pessoas homogêneas. E isto é irreal. A relação entre professor e aluno, em sala de aula, deve ser dialógica, de questionamento, debate e compreensão e a prática avaliativa deste processo precisa coadunar com este processo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Coletânea de textos CONFINTEA**. Org. Paulo Gabriel Soledade Nacif, Arlindo Cavalcanti de Queiroz, Lêda Maria Gomes e Rosimere Gomes Rocha. Brasília: MEC, 2016. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244672> Acesso em 30 jul. 2019.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NERY, Anita Liberalesso. **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas-SP: Papyrus, 1993.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2008.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998.